



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Emoções e Moralidades dilemas da dignidade em questão

Thiago Santos

thiagosantrues@gmail.com

PPGA – UFPE

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

A presente comunicação tem por objetivo fazer uma análise da relação entre emoções e moralidades, a partir de uma interface entre a antropologia e a sociologia, tomando como objeto de reflexão os sentidos atribuídos por indivíduos em situação de rua às emoções experimentadas nessa condição, e a decorrente reconfiguração ou ressignificação de seus valores morais em diálogo com estas. Visto que a situação de rua, em grande maioria dos casos, não é um desejo dos sujeitos, mas se coloca como uma fatalidade que, dali em diante, será definidora no âmbito social de seu valor moral e de sua dignidade: são marcados pelo estigma “daqueles que fracassaram”. Esta confrontação entre a imagem “do que deveria ser e do que é”, que não se pode mudar por força do esforço próprio, faz com que a experiência de ser humilhado, desrespeitado e envergonhado seja sempre presente. Contudo, estes sujeitos sabem que estão sob julgamento de um estigma social e que não correspondem, de um tudo, à ele. Assim, têm que refazer seus projetos de vida e reconfigurar seus valores morais e são levados a estabelecer novos critérios para a noção do que é uma vida digna. A presente proposta está baseada na pesquisa para dissertação de mestrado em antropologia, na qual discuto as maneiras pelas quais os indivíduos que se encontram em situação de rua, na cidade de Recife-PE, percebem a noção de dignidade e de si como digno.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the relationship between emotions and moralities through an interface between anthropology and sociology, taking as an object of reflection the senses assigned to homeless individuals to the emotions felt in their condition, and resulting in the reconfiguration or re-signification of their moral values in dialogue with them. Became homeless, in most of cases, is not a desire of the subjects, but is seen as a fatality that, from then on, will be defining in the social scope of its moral value and its dignity: they are marked by stigma: "those who failed." This confrontation between the image of “what should be and what is”, which can not be changed by self-effort, makes the experience of being humiliated, disrespected and shamed every time. However, these subjects know that they are under a social stigma and that they do not correspond to him at all. Thus, they have to redo their life projects and reconfigure their moral values and are led



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

to establish new criteria for the notion of what a good life is. The present proposal is based on the research for a master's thesis in anthropology, in which I discuss the ways in which individuals who are in a street situation, in the city of Recife-PE, perceive the notion of dignity and of themselves as worthy.

Palabras clave

Antropologia das Moralidades, Antropologia das Emoções, Dignidades, População em Situação de Rua

Keywords

Anthropology of Morality, Anthropology of Emotions, Dignity, Homeless.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introdução

Como a transição às ruas influencia na percepção dos indivíduos sobre sua dignidade? Essa foi a pergunta que guiou minha dissertação e que foi o mote usado para a presente comunicação. A preocupação central nos trabalhos que venho desenvolvendo estão centrados na maneira pela qual os indivíduos reconfiguram seus valores a partir de eventos/contextos emocionais. Neste caso, como a experiência de vergonha e humilhação, comumente relatadas pelas pessoas em situação de rua, influenciam na configuração ou reconfiguração do repertório moral destes atores e, consequentemente, como o evento de tornar-se pessoa em situação de rua modifica a percepção destes sobre a categoria de dignidade.

Os interlocutores que trago aqui não nasceram em situação de rua, não foram crianças e adolescentes que cresceram nesta condição. São pessoas que foram socializadas à ideia de vida digna que tem como base a boa estruturação da família, do emprego e da autonomia individual, dentro da *configuração moral* que norteia princípios da vida boa de ser vivida na sociedade brasileira. Como pessoas que foram educadas para *ser* alguém adulto detentor de características específicas passam a se perceber como pessoas ainda dignas mesmo que na situação de rua?

Deste lugar no qual configura o lado diametralmente oposto à vida digna de ser vivida socialmente validada, no lugar que compõe a margem moral e simbólica do *cidadão de bem* e do *trabalhador*. Ali não têm como conseguir empregos mesmo que sua educação formal ou conhecimento autodidata sejam de fato suficientes para tais funções, pois **a** são sobrepostos por sua condição *de perigoso, sujo, marginal*. Estes, outrora bem cientes de si como *eu sou fulano, sou um cidadão de bem, uma pessoa*, se confrontam com diversas formas da sociedade dizer-lhes: não, você não é.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

O que está entre os indivíduos em situação de rua e os *outros* é uma distinção qualitativa, uma distinção moral socialmente legitimada. Dentre as diversas características que são atribuídas às pessoas em situação de rua, a que é crucial para toda a análise aqui desenvolvida é a do estigma que acomete a todos nesta condição. Este é o grande responsável pela mediação com a experiência de habitar as ruas e interagir com o espaço público em uma condição extremamente diferente. O estigma de inferioridade que é associado às pessoas em situação de rua os reifica como aquele sujeito que fracassou na vida, sendo ele por um lado o incapaz e necessitado, e por outro lado é o perigoso e desprezível. Em ambos os casos, não são associados às categorias que gozem do mínimo de prestígio social. Pelo contrário, figuram como o polo apostado do que se tem como um ideal de sujeito contemporâneo: aquele que venceu na vida, autônomo e provedor.

A experiência de transição às ruas faz com que os valores outrora introjetados, em muitos alicerces e referenciais de suas aspirações imaginadas e perseguidas pelos sujeitos sejam ressignificados – das mais triviais e corriqueiras até os projetos a longo prazo, quando existem. Mas, nesse movimento de reavaliação de projetos e do próprio sentido da vida, não só as intenções e possibilidades de vida são reconfiguradas, mas também a própria concepção de si no mundo, a sua percepção de si mesmo como pessoa, como humano, como digno. Dignidade aqui é entendida de maneira alargada. Tanto como o respeito e o reconhecimento do valor da pessoa que é dedicado aos interlocutores, pelo fato de que o que causa esse imbróglio emocional moral que será analisado é a sua negação; bem como a avaliação desses próprios interlocutores sobre si mesmos como pessoas dignas, quais as bases que informam essa percepção – nos interessando especialmente o segundo sentido.

É sobre este lugar que a presente comunicação lança o olhar: estar em situação de rua, para além de ser um real problema em si por sua própria condição de precariedade, é também um contexto que força os sujeitos a passarem por questionamentos sobre quem ele é, confrontados pelo julgamento moral cotidiano que é feito sobre si. Possibilitando



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

uma série de ressignificações das práticas, espaços e relações, mobilizando outros sentidos para uma noção perseguida por todas as pessoas em sociedade: uma vida digna de ser vivida.

II. Marco teórico

O marco teórico utilizado nessa pesquisa visa dar conta da articulação entre a teoria corrente sobre a população em situação de rua e sua interface com a sociedade em que estão inseridos; discussões contemporâneas na antropologia das moralidades e das emoções; bem como as discussões sobre cidadania. Investigando como as pessoas em situação de rua percebem e reconfiguram a noção de cidadania, a partir dos sentidos de vida digna que mobilizam.

Faço uso de um conjunto de teóricos que tem como objeto de pesquisa população em situação de rua, dentro e fora da antropologia: Rui, Martinez & Feltran (2016), Cintia Albuquerque (2009), Simone Frangela (2004), Eduardo Martinele Leal (2008), Maria Silva (2009) e Vieira et al (2004), Patrícia Félix (2015), Anne Gabriele Lima e Souza (2012), dentre outros. Visto que todos esses autores convergem com o argumento, anteriormente demonstrado, de como que a experiência de moradores de rua é consolidada pela experiência de precariedade, de humilhação cotidiana e que, de alguma forma, têm sua condição de vida notadamente marcada pela negligência do social para com estas pessoas, por não serem reconhecidos socialmente como cidadãos, como pessoas. Apontam também para o escancarado desamparo que estes têm por parte do Estado, no que concerne até o cumprimento da demanda básica como alimentação, educação e saúde, pelo fato de ficarem impedidos burocrática e simbolicamente de acessar seus direitos.

Para as discussões sobre os dilemas da cidadania, parto principalmente das discussões de Luís Roberto Cardoso de Oliveira (1996; 2009; 2011; 2015), pelo fato de que este discute as concepções de igualdade e desigualdade no Brasil, déficit de cidadania, a partir de um olhar que busca no conflito moral entre o formal e o vivido o



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

pano de fundo para as discussões sobre o conceito de cidadania – privilegiando na reflexão a um só tempo tanto os grupos postos em questão, como o conceito largo de cidadania. Recorro também às discussões que Cláudia Fonseca (1999; 2000) tem desenvolvido, no sentido de demonstrar que existem “divisores legais” que mediam os *direitos dos mais e menos humanos* e a tentativa de evitar que na noção de cidadania “se percam no palavrório dos chavões políticos, devemos recuar o suficiente para escutar os diferentes sistemas de simbolização no seio da sociedade moderna e reconhecer que, entre estes, o aspecto de classe não é de menor importância” (FONSECA, 2004). Ainda fazem parte das referências utilizadas teóricos que pensam o caso específico brasileiro, como José Murilo de Carvalho (2002), Wanderley Guilherme dos Santos (1979), Mariza Peirano (2006) e Roberto DaMatta (1985).

A discussão sobre cidadania é feita a partir de uma perspectiva de distintas concepções de moralidades e de referencial de vida digna de ser vivida. Essa questão está presente na agenda de pesquisa que tem se consolidado no campo da antropologia das moralidades, que foge da dimensão prescritiva do *dever ser* para compreender do ponto de vista dos atores como mobilizam juízo moral sobre agir no mundo. Essa orientação teórica tem ganhado força no Brasil desde 1994, quando Roberto Cardoso de Oliveira iniciou a tentativa de alocar as discussões sobre moral a partir da antropologia, e desde então tem sido desenvolvida e consolidada como área de pesquisa pertinente. Serão referenciais desta pesquisa, Patrice Schuch(2014), Marta Cioccarri (2010), Jhon Comerford (2013); Luís Roberto Cardoso de Oliveira (1996), dentre outros, por estarem extremamente preocupados com as dinâmicas próprias de trajetórias de grupos específicos e as reconfigurações que estes fazem de valores morais a partir dessas experiências numa perspectiva antropológica.

Contanto, gostaria de destacar o uso de Charles Taylor (2013; 1994) ao propor que identidade e moralidade estão inextricavelmente entrelaçadas. A moral para Taylor, em termos gerais, tem três eixos do que ele nomeia pensamento moral: sentido de respeito pelos outros, a ideia de vida plena (vida digna de ser vivida) e dignidade



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

(merecer/receber respeito das outras pessoas). Esse quadro toma uma importância central frente ao conceito de configurações que é um conjunto de distinções qualitativas sobre a vida comum: pensar, sentir, julgar a partir de uma dada configuração é operar dentro de uma lógica na qual um tipo de vida ou de experiência de viver é superior a outros (TAYLOR, 2013. pg.35), em nosso caso qualificamos a ideia de que as pessoas têm que ser bem-sucedidas e depreciamos gradativamente as experiências de vida que se afastam desta forma ideal. Sendo esse locus, a afirmação da vida cotidiana e nela uma forma positiva em detrimento de outras negativas, o problema em questão:

O que, precisamente, julgamos constituir nossa dignidade? [...] minha visão de mim mesmo como chefe de casa, pai de família, detentor de um emprego, provedor de meus dependentes; tudo isso pode ser a base [configurações] do meu sentido de dignidade. Do mesmo modo como sua ausência pode ser catastrófica, capaz de abalá-lo ou solapar por inteiro meu sentimento de valor pessoal. Aqui, o sentimento de dignidade está envolvido nessa noção moderna da importância da vida cotidiana. (TAYLOR, 2013. pg.30).

Dito isto, também se faz central em meu trabalho o uso da antropologia das emoções, especificamente sua *perspectiva contextualista*. Desenvolvida por Lila Abu-Lughod (1990), indicando a necessidade de olhar para a *micropolítica das emoções*, levando em consideração a relação de poder contida nos discursos que mobilizam as dimensões das emoções. Onde ela advoga uma

visão pragmática das categorias emotivas que desloca o foco dos seus significados para suas práticas, isto é, os modos pelos quais os discursos emotivos são acionados em contextos diversos, por razões distintas e com efeitos variados, decorrendo daí sua concepção micropolítica das emoções, que busca interior os discursos emotivos em negociações e jogo de poder. (COELHO & REZENDE, 2011. p.18)

Acredito que a dignidade mediada pela afirmação da vida cotidiana se constitui como uma grande chave analítica, para entender os processos pelos quais constituímos a



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

cidadania, num processo contínuo de busca por inclusão de sujeitos prejudicados socialmente pela forma descompassada pela qual os direitos sociais foram e estão sendo efetivados em nosso país. E que esse processo pode ser acessado também por uma análise da perspectiva moral e emotiva dos interlocutores.

III. Metodologia

A metodologia que tenho usado para coleta e análise dos dados é vinculada à dimensão de uma pesquisa qualitativa, que não busca “contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão” (Gaskel, 2014. p. 68). Centrada em uma investigação etnográfica e seus preceitos metodológicos e especificidades, a saber: produção de um conhecimento que se constitui a partir da inter-relação entre pesquisador e pesquisado, tendo como ferramenta as técnicas de pesquisa da observação direta, conversas informais e formais. (Rocha e Eckert, 2008).

A técnica de coleta de dados está principalmente centrada na aplicação de entrevistas individuais em profundidade com interlocutores da pesquisa. Visto que as entrevistas têm um potencial de revelar por um lado os aspectos que homogeneizam uma experiência grupal advinda de processos sociais em que estão inseridos – em nosso caso a forma como o estigma está presente no cotidiano, como emoções de humilhação e vergonha são um dos fatores responsáveis pelo *repensar-se*, etc –, ela também releva informações que são de dimensões bem particulares aos indivíduos sobre as respostas que dão nesses contextos – como suas biografias interferem na maneira que lidam com sua condição, como repensam seus valores, ou a forma como lidam com o estigma.

Optei, também, por mesclar a aplicação de entrevistas individuais com entrevistas narrativas sempre que fosse possível, pois esta recebe uma grande importância neste trabalho ao passo que



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

a estrutura de uma narração é semelhante à estrutura de uma orientação para a ação: um contexto é dado; os acontecimentos são sequenciais e terminam em um dado ponto; a narração inclui um tipo de avaliação do resultado [...] reconstrói ações e contextos de maneira mais adequada: ela mostra o lugar, o tempo, a motivação e as orientações do sistema simbólico do ator. Através da entrevista narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. (Jovchelovitch e Bauer, 2014. p.91-92).

Assim, desenvolver entrevistas em profundidade, associada a buscar uma narrativa da maneira pela qual o ator social percebe sua trajetória, sua vida, e a reconfigura no curso de suas ações é importante, por que ao narrar a sua trajetória de vida, os fatos importantes de ruptura e reconfiguração da maneira como percebe a si e ao mundo, o entrevistado “descreverá aqueles episódios interativos cruciais nos quais novas fronteiras de atividades individual e coletiva são forjadas, nos quais novos aspectos do eu são trazidos à existência” (Becker, 1993. p.110). Sendo justamente estes “novos aspectos do eu” trazidos à tona pela passagem para a condição de pessoa em situação de rua o que a entrevista em profundidade possibilita revelar.

Debruçar-se sobre estes relatos colhidos nas falas dos entrevistados, buscando compreender a maneira pela qual as pessoas falam sobre como foram para as ruas, como fazem para se manter nela, como lidam com o estigma, quais são os sentidos de vida digna que mobilizam, como suas vidas mudaram, etc., como lidam com a busca e reconfiguração de seus *projetos*, como discutido por Gilberto Velho ou como passam pelas experiência de *rupturas morais*, como proposto por Jarrett Zigon, torna-se uma questão não só teórica, mas também metodológica abarcada através de entrevistas. Pois, é ao falar sobre essas transições de condições de vida que se coloca diante do pesquisador um campo fértil para analisar valores morais, justamente porque a “experiência de mobilidade social, a ascensão ou descenso introduz variáveis significativas na experiência existencial” (Velho, 2013. p.93).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Com efeito, metodologia/campo e teoria estão casadas na busca por analisar como ao fazer a transição para as ruas e ter seus valores morais e suas percepções sobre *vida digna* reconfiguradas, as pessoas em situação de rua mobilizam sentido para a dignidade. Mais uma vez lembrando Marisa Peirano sobre a necessidade do fazer *teoria-e-pesquisa*, buscando um intenso *feedback* entre empiria e teoria na produção de conhecimento.

Para aplicar as entrevistas e produzir demais materiais de análise para a pesquisa, fiz uso de uma caderneta de anotações, um diário de campo, gravador de áudio e máquina fotográfica – para esporádicos registros em imagem –, e também o uso de um roteiro básico para instigar a conversa (Apêndice A). Além da ida ao campo e da revisão bibliográfica, também coletei demais materiais que me faziam/fazem refletir sobre minha pesquisa: matérias diversas sobre pessoas em situação de rua, entrevistas, documentários, romances, poesias, pinturas, Documentos Oficiais, Decretos referentes ao grupo, etc. No intuito de produzir e manter um *arquivo* da pesquisa, almejando o bom desenvolvimento do *artesanato intelectual* como proposto por Wright Mills (2009), do qual as visitas e releituras a ele são responsáveis por boa parte da dissertação.

A partir dessa “apresentação” e de novas idas ao Centro da Cidade do Recife para realização de entrevistas, decidi que meu campo, dali até o presente momento, seria composto por bairros que eram identificados – pelas próprias pessoas em situação de rua, por entidades e instituições, bem como por mim mesmo – como bairros notoriamente *habitados* por pessoas em situação de rua. Sendo a maioria dos interlocutores abordados e entrevistados em calçadas, bancos de praças ou perambulando pelos bairros da Boa Vista, Santo Antônio e São José. Pois nestes bairros pode-se perceber uma grande concentração de população em situação de rua, especialmente na Praça do Diário, R. do Imperador, Av. Dantas Barreto, R. Diário de Pernambuco, Praça 1817 (Praça 17), R. Duque de Caxias, Praça Maciel Pinheiro e Cais de Santa Estelita.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio



Nestes locais foi realizada grande parte da pesquisa, no que diz respeito a entrevistas e observação. Percorrer este “caminho da fome” foi crucial para imaginar a cidade a partir de uma divisão que vinha da distribuição desses atores ao longo do Centro, por motivos diversos, indicando uma diferenciação e agrupamento.

Uma entrevista que foge à regra. Foi a realizada com Ubijara Gomes, o Bira. Visto que ele tem uma trajetória muito pertinente para a pesquisa, mas que não se encontra mais em situação de rua. Entrei em contato com o Bira em seu trabalho, de escriturário do Banco do Brasil, por telefone. Conversamos um tempo por *whatsapp* e marcamos uma entrevista inicialmente em um café, mas devido ao barulho e ao



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ambiente, decidimos ir para outro lugar. Findamos por realizar a entrevista num bar modesto no Pátio de Santa Cruz, acompanhados por uma sopa, pão e café.

IV. Análise e discussão dos dados e V Conclusão

Apresentei neste congresso um resumo das discussões que alcancei na dissertação a partir do exemplo de três interlocutores: Alcides, Bira e Fernando. Estes tiveram trajetórias de vida bem distintas, porém passaram pela experiência de transição às ruas de maneira bem similar. A questão é que estes deram respostas diferentes ao processo, pensando outras possibilidades de ação e de percepção de si.

O campo corroborou uma série de afirmações sobre como as expectativas normativas sobre o *dever ser* está configurado. A dignidade socialmente construída em torno das dimensões do ter um bom trabalho, estar em dia com seu papel de cidadão e ter uma família estruturada, apareceram como um ponto de retomada de si na presença imediata do outro: é ao invocar a imagem de um cidadão de bem, de um trabalhador honesto, que estes indivíduos pretendem colocar-se para além do estigma que os limitam como a negatividade. Assim, pelo fato de que a percepção sobre sentir-se digno recorrentemente apareceu nas entrevistas associada às categorias de cidadania e trabalho, dei especial ênfase a demonstrar como a constituição da cidadania no Brasil esteve vinculada com a gerência do mundo trabalho – tornando certos tipos de ocupações legitimadores de cidadania, em detrimento de outras. Adicionando no contexto atual a naturalização da desigualdade social, a responsabilização individual das pessoas por suas condições precárias ou possibilidade de sucesso na vida. Para assim poder discutir a partir das narrativas de indivíduos que estão no polo negativo dessa classificação, e que têm consciência de que não é uma questão de culpa individual.

A partir daí se desdobram os dois pontos centrais sob os quais discutimos. Coloquei em evidência num primeiro momento a dimensão das emoções relatadas Enquanto desempenham suas atividades ao longo do dia – seja na catação de materiais recicláveis, cuidando dos filhos ou circulando pelas ruas –, os interlocutores relatam uma



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

série de situações nas quais são tomados como aqueles que não deveriam estar ali. Relatam que sentem-se como invisíveis, como depreciados ou mesmo que são tidos como não humanos pelos outros. Há então uma ruptura brutal entre a imagem de si como pessoa que se sabe que é, que há um tempo atrás foi digna de respeito atitudinal e considerado como cidadão, para um progressivo esvaziamento do sentido dessas palavras na prática. Desrespeito e negação de direitos passam a ser a experiência do cotidiano.

Na comunicação tentei demonstrar que, de acordo com a micropolítica das emoções nos termos de Lila Abu-Lughod, essas falas sobre seus sentimentos, seus discursos emocionais, não são apenas uma forma de falar sobre o seu eu interior. Não informam exclusivamente a experiência subjetiva dos sujeitos, mas que, também são discursos que apontam para relações de poder e estruturas sociais – sendo assim estas emoções sociais em sua origem e relação. Quando Joaquim diz *“Eu mesmo não sou pior nem melhor que ninguém. Sinto vergonha da forma como me olham, como me tratam. Não tenho vergonha de mim...”*, ele está colocando em evidência uma série de questões que estão para além do que seria circunscrito à sua subjetividade, mas sim do todo à sua volta – das pessoas que recorrentemente o depreciam, até a própria condição do ser pessoa. Ele está evidenciando também que existe uma relação de poder contida nesses atos que não pode ser mudada apenas com esse discurso, mas que é necessário estabelecer um motivo de não aceitar essa imputação da condição de *menos humano*. Por isso, ele buscará, logo na sequência, justificar que *“sempre fui homem trabalhador... minha vida toda mesmo, ainda trabalho até hoje”*. Isto se dá pelo fato de que a questão reside numa dimensão moral, do julgamento moral sobre quem merece ou não merece respeito, atenção e um tratamento digno de pessoa.

Essa inflexão indicada convida à análise a segunda dimensão: a reelaboração de uma percepção sobre questões morais que, talvez, nunca tivessem sido postas em questão por estes interlocutores. A configuração moral normativa agora se vê



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

confrontada pelo pano de fundo dos indivíduos – aquela dimensão informada pelas trajetórias e experiências práticas que possibilitam outras formas dos atores mobilizarem sentido do bem, do dever ser. Em nosso caso, as experiências emocionais se condensam produzindo o que *rupturas morais*. Quando se veem diminuídos, se sentem humilhados, esses sujeitos passam por uma quebra na dimensão do cotidiano irrefletido e têm que questionar as várias dimensões de sua vida que estão em questão: todo trabalho é digno? Toda família é digna? Eu ainda sou gente? Porque não me respeitam assim? Porque tenho que passar por isso? O que eu posso fazer pra voltar a ser respeitado? Como faço para sair daqui? Quando experimentam essas rupturas os indivíduos se veem compelidos a dar uma resposta que os reintegre ao social numa perspectiva de aceitação moral, de uma forma que meio que de reconciliação com o que foi perdido: a dignidade.

Aqui falo em dignidades. Uso o termo no plural justamente **porque** quando se detém o olhar sobre as experiências que se confrontam com as normatividades, não são respostas únicas que são elaboradas por todos os atores. Pensar em uma noção de dignidade que desse conta desse processo seria igualmente limitador. Para demonstrar este ponto, me vali da apresentação de três histórias que são muito próximas pela experiências que os interlocutores tiveram ao entrarem em situação de rua – ida à rua durante a adolescência, desestruturação familiar, errância, entre outros –, mas que ao mesmo tempo possibilitaram que eles se diferissem muito nos processos de construção de um discurso sobre quais elementos conferem à si, e as pessoas de modo geral, a condição de digno.

Alcides, Bira e Fernando fizeram usos diferentes da dinâmica da rua. Cada uma seu modo próprio e particular. Enquanto o primeiro mobiliza um sentido de dignidade que passa pelo reconhecimento de si como sujeito de direito, como cidadão, por instâncias da administração pública e a garantia de acesso a seus direitos civis e sociais, os outros dois não parecem ter dado tanta ênfase a essa dimensão. Para Bira, a dignidade nas ruas estava ligada à noção de segurança, ter dignidade era dormir sabendo que



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

acordaria com vida e ainda com a posse de seus pertences. Após investir um longo tempo de estudo e dedicação, que culminou na convocação para assumir cargo público num Banco, Bira diz que os sentidos de dignidade devem ser atribuídos contextualmente pelos atores: o que era dignidade para ele nas ruas, não é hoje. O que era dignidade pra ele nas ruas, não é dignidade para seus companheiros de situação. Bira acreditava que poderia sair das ruas sem a ajuda de programas sociais ou incentivo do Estado, por isso nunca foi muito simpático à instituições e procurou “fazer o seu”. Em ambos os casos o sentido de dignidade também esteve vinculado à saída das ruas – o primeiro pela obtenção de moradia, o segundo através de um emprego estável. Fernando é o que vai de encontro aos dois e nos oferece uma percepção sobre a vida digna que vai noutra direção. Para ele, após toda sua experiência de rua, não lhe era mais um sonho nem valor ter uma casa própria e um trabalho: essas coisas são das ilusões que não podem ser mantidas. Fernando queria mesmo era uma garantia de que comeria bem, comida limpa, para não ter problemas que colocassem em risco sua vida como acontecera com o irmão. Essa garantia, para ele, não interessa de onde viesse, sendo que bom mesmo era se viesse do Estado na forma de uma aposentadoria.

Nossos três interlocutores, como ótimos exemplos de todos interlocutores com os quais dialoguei para essa pesquisa, a um só tempo colocavam as experiências emocionais como centro através do qual seus discursos se tornavam possíveis, como também sem o qual ele não existira. Ao passo que esses atores atingem seus anseios por dignidade – cada um a seu modo –, também desenvolvem uma outra relação com seus anseios e com suas emoções. Sentir-se humilhado ou respeitado produz uma série de avaliações morais de si e dos outros, constantemente influenciando as avaliações sobre o valor das coisas e das relações, das escolhas e de seus projetos – que podem existir a longo prazo, ou sequer não serem cogitados.

Assim, *refazer-se* é um processo contínuo em que as emoções experimentadas por todos nós em nossos diversos contextos de interação informam nosso repertório



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

moral, atualizando-o de acordo com os lugares em que estamos localizados, resignificando uns valores e reafirmando outros, mas sempre mediado por esse sentir-se/avaliar/sentir-se.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

VI. Bibliografia

ALBUQUERQUE, Cintia Maria da Cunha. **Loucos nas ruas**: um estudo sobre o atendimento à população de rua adulta em sofrimento psíquico na Cidade do Recife. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

BAUER, Martin W. e GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis, RJ : Vozes, 12ª ed. 2014.

BECKER, Howard. História de vida e o mosaico científico. Em **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo : Editora Hucitec, 1993.

BRITO, Simone Magalhães. Apresentação. Em **Dossiê Sociologia e Antropologia da Moralidade**. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção. V. 12, n. p. 36. 702 - 706. Dezembro, 2013.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís Roberto. **Cidadania, direitos e diversidade**. Anuário Antropológico. v40, p 34-53. 2015.

_____. **Entre o justo e o solidário**: Os dilemas dos direitos de cidadania no Brasil e nos EUA. Revista Brasileira de Ciências Sociais (ANPOCS), no 31

ano 11. 1996.

_____. **Honra, Dignidade e Reciprocidade**. Série Antropologia, 344. Brasília. 2004.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. & CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís Roberto. **Ensaio Antropológico Sobre Moral e Ética**.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**: O longo Caminho. 3a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

COELHO, Maria Claudia; REZENDE, Claudia Barcellos [org.]. **Cultura e sentimentos**: ensaios em antropologia das emoções. Rio de Janeiro: Contra Capa / FAPERJ, 2011.

DaMatta, Roberto. **Cidadania: a questão da cidadania num universo relacional**. Em: A casa e a rua – espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Editora Brasiliense, 1985.

ESCOREL, Sarah. **Vivendo de teimoso**: moradores de rua na cidade do Rio de Janeiro. In: BURSZTYN, Marcel. No meio da rua: nômades, excluídos e viradores. Brasília : Garamond, 2000.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

FONSECA, Claudia. **Direitos dos mais e menos humanos**. Horizontes Antropológicos 10: 83-122, 1999.

_____. **Família, fofoca e honra**. 2ªed. Porto Alegre : Editora da URFGS, 2004.

FRANGELLA, Simone Miziara. **Corpos urbanos errantes**: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo / SP : [s. n.], 2004.

Frúgoli Jr, **O urbano em questão na antropologia**: interfaces com a sociologia. 2005. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, V. 48 N° 1

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro : LTC, 2008.

LEAL, Eduardo Martinelli. **O outro nome da pobreza**: a "situação de rua" na perspectiva antropológica. In LIMA, Roberto Kant de. (org.) Antropologia e Direitos Humanos 5. Brasília; Rio de Janeiro: ABA; Booklink. 2008.

LUTZ, Catherine A. & ABU-LUGHOD, Lila. **Languages and the politics of emotion**. Cambridge : Cambridge University Press, 1990. MARSHALL, T. H. A. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

PEIRANO, Marisa. **“Sem lenço, sem documento”**: cidadania no Brasil. In A Teoria Viva: e outros ensaios de antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2006.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das Emoções**. Rio de Janeiro : Editora FGV. 2010. RUI, Taniele; MARTINEZ, Mariana e FELTRAN, Gabriel. **Novas faces da vida nas ruas**. São Paulo : UFSCar, 2016

SANTOS, Thiago. **Refazer-se: dignidades em meio às ruas. Um estudo em antropologia das moralidades e emoções**. Recife : UFPE, 2017. 138p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia – Universidade Federal de Pernambuco, 2017.

_____. **Rios, pontes e outros corpos: notas sobre a população em situação de rua no Centro do Recife**. Recife : UFPE, 2015. 81 p. Monografia (Graduação) – Departamento de Ciências Sociais – Universidade Federal de Pernambuco, 2015a.

_____. **Estereótipo e a lógica da exclusão**: a constituição identitária de pessoas em situação de rua. In: V Semana de Ciências Sociais da UFRPE, 2014, Recife : ADUFERPE, 2014. v.1 p.45-46



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

_____. **“Sou morador de rua, mas não sou como aquele ali não”**: pessoas em situação de rua em Recife e as negociações de si mediante o estigma. In: Site REA/ABANE, 2015b.

SALES, Davy Batista de. **Estratégias de Sobrevivência e Práticas Alimentares no meio das ruas**: Um estudo sobre Sociabilidade e Alimentação entre mendigos na cidade do Recife-PE. UFPE/PPGA, 2005.

SCHUCH, Patrice. **A moral em questão: a conformação de um debate em antropologia**. Em: Pensando bem: estudos em sociologia e antropologia da moral.

WERNECK, Alexandre e CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís Roberto. Org. Rio de Janeiro : Casa da Palavra, 2014. SILVA, Maria Lúcia Lopes da. **Trabalho e população em situação de rua no Brasil**. São Paulo : Cortez, 2009.

TYLOR, Charles. **As Fontes do Self**: a construção da identidade moderna. 4 ed. São Paulo : Edições Loyola, 2013.

_____. **Muticulturalismo**. Princeton University Press. 1994.

VELHO, Gilberto. **Um Antropólogo na Cidade**. Rio de Janeiro : Zahar, 2013.

VIEIRA, Antonieta da Costa; BEZERRA, Eneida Maria Ramos; ROSA, Cleisa Moreno Maffei (orgs.). **População em situação de rua**: Quem é, Como vive, Como é vista. 3. ed. São Paulo : Hucitec, 2004.

ZIGON, Jarrett. **Morality**: An Anthropological Perspective. Oxford : Berg Editorial Offices. 2008.

_____. **Moral breakdown and the ethical demand**: A theoretical framework for an anthropology of moralities. *Anthropological Theory*. 7 ; 131. DOI: 10.1177/1463499607077295. 2007